



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

GÊNERO E RELIGIOSIDADE: DECIFRANDO A CONSTRUÇÃO DOS PAPEIS SOCIAIS ENTRE JOVENS DA ÁREA CONTINENTAL DE SÃO VICENTE/SP

Vanessa Renata de Almeida

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

almeida.vanessarenata@gmail.com

INTRODUÇÃO

O campo dos estudos de gênero se define historicamente nos marcos da recusa do determinismo biológico que fixa a condição de “ser homem” ou “ser mulher” na diferença sexual que se restringe ao sexo biológico. A noção de “gênero”, portanto, se distingue de “sexo” por compreender que as significações e designações atribuídas ao sexo biológico são produtos históricos e culturais. Em outros termos, construções sociais de “feminilidades” e “masculinidades” que hierarquizam as relações sociais e de poder entre homens e mulheres. Para Scott (1989, p. 21) “[...] gênero como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre sexos, é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. A utilização do gênero como categoria de análise torna-se importante porque implica na desnaturalização das desigualdades entre os sexos e permite-nos refletir acerca da diferença no processo de socialização de moças e rapazes que se materializa no desempenho de distintos papéis sociais relacionados à inserção dos sujeitos em contextos políticos e socioculturais.

A adolescência/juventude, entendida enquanto um período da vida propício para construção da autonomia em relação à família e palco de experimentações afetivas e sexuais, constitui uma fase decisiva para a consolidação de uma rede de significações em torno da sexualidade e dos papéis de gênero, determinante para a formação de características, qualidades e potencialidades no processo de constituição da subjetividade dos sujeitos (HEILBORN, 2012). Considerando a importância que a escola possui nesse processo de socialização das/os jovens, privilegamos esta instituição para o desenvolvimento do nosso estudo.

Dentre os múltiplos determinantes que condicionam as relações de gênero e os significados imputados ao “ser homem” e “ser mulher”, entendemos que a religiosidade dos sujeitos é um aspecto importante da vida. Rosado-Nunes (2005) aponta a relevância da religiosidade como instância reguladora das relações sexuais e de gênero e enfatiza que o universo religioso abriga, explícita ou implicitamente, ideias que estabelecem e delimitam os papéis “masculinos” e “femininos”, considerando que o “[...] fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível” (ROSADO-NUNES, 2005). As explicações de caráter religioso sobre as distinções entre os gêneros, portanto, partem da premissa de que entidade(s) superior(es) à existência humana definiu(definiram) os termos desta diferenciação.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico das DST/AIDS de 2011, no Brasil houve um aumento da infecção na população de 13 a 24 anos, e verificou-se a feminização da epidemia na faixa etária de 13 a 19 anos. (WIESE; SALDANHA, 2011). Dados que demonstram a necessidade de identificar os elementos determinantes da vulnerabilidade as DST/AIDS/Hepatites Virais entre jovens e adolescentes para a elaboração de estratégias que garantam, de fato, o direito a promoção da saúde sexual e prevenção a infecção por HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, a presente pesquisa se propôs a compreender como jovens e adolescentes da Área Continental de São Vicente, a partir de suas próprias trajetórias de vida e de suas vivências da religiosidade, atribuem significados ao “ser homem”, ao “ser mulher”, às relações afetivas e à sexualidade no intuito de contribuir com as políticas públicas voltadas para a juventude.

METODOLOGIA

Foi desenvolvido um estudo de cunho qualitativo junto a adolescentes e jovens estudantes de uma escola pública na Área Continental de São Vicente. O procedimento utilizado para coleta de dados foi a realização de oito entrevistas semiestruturadas com sete moças e um rapaz entre 15 a 18 anos, sendo seis jovens evangélicas/os e dois sem adesão institucional a alguma comunidade religiosa. As entrevistas foram gravadas em áudio após a autorização das/os jovens e posteriormente transcritas integralmente.



Antes de iniciarmos as entrevistas semiestruturadas foi apresentado aos/às voluntários/as um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para que as/os adolescentes e jovens concordassem com a participação no estudo a partir do conhecimento sobre a pesquisa e sobre seus direitos ao longo da sua participação. Para estudantes com idade inferior a 18 anos também foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as responsáveis.

Para a análise o material de campo principal foi a transcrição das oito entrevistas que foram submetidas à técnica de análise temática de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das/os oito jovens religiosas/os entrevistadas/os, seis se identificavam como evangélicas/os e dois acreditavam em Deus, sem, no entanto, ter adesão institucional a alguma comunidade. Entre aqueles/as com adesão, cinco pertencem a igrejas pentecostais (Assembleia de Deus, Renovação em Cristo e O Santuário da Oração) e um/a a uma igreja neopentecostal (Igreja Mundial). Dos/as dois jovens que declararam não possuir nenhuma religião, uma foi socializada pela família no Candomblé e o outro na Igreja Católica.

Souza (2004) destaca que embora na sociedade atual coexistam mecanismos plurais de construção das subjetividades e que o poder da religião seja relativizado, deixando de se constituir no “centro organizador das relações sociais” (SOUZA, 2004, p. 124), os sistemas simbólicos religiosos atuam de maneira importante na constituição das subjetividades humanas e ainda que assistimos a perda de poder das religiões nas sociedades secularizadas, a religiosidade continua a ser uma esfera importante no que diz respeito a construção dos papéis de gênero.

De uma maneira geral, chama atenção nas entrevistas a importância que a religiosidade assume na vida dos/as jovens, principalmente entre aquelas que se reconhecem enquanto evangélicas/os, orientando suas visões de mundo e, inclusive, os significados que estes/as atribuem aos papéis de gênero e às relações afetivo-sexuais, muitas vezes apoiados numa concepção naturalizada dos indivíduos. As evangélicas concebem a sexualidade como uma “criação” ou “presente” de Deus e expressam uma representação dicotomizada da mulher, ora vitimizada, ora culpabilizada: ao mesmo tempo que as jovens referem que as



mulheres são “usadas” pelos homens enquanto se dedicam aos relacionamentos afetivos, apontam estas como culpadas por não conseguir “[...] estabilizar e regular o desejo dos homens” (BOZON, 2004, p. 94), por vestir-se de maneira considerada inapropriada, por envolver-se com homens “errados”, por frequentar lugares tidos como inadequados e por interromper a gravidez.

A religiosidade também se revelou uma instância diretamente associada ao enfrentamento de situações difíceis na vida de parte das jovens, como a morte de entes queridos/as, decepções nas relações afetivas e violência de gênero. A opção de manter a virgindade até o casamento e o casamento em si, entendido como um relacionamento estável com uma só pessoa, são concebidos como formas de prevenção da infecção pelo HIV e demais DST que tornariam as/os evangélicas/os mais “protegidas/os” em relação aos jovens “do mundo”, uma expressão que faz referência a aqueles e aquelas que não são evangélicos/as.

Também foi recorrente nos discursos dos/as entrevistados/as o entendimento de que a sexualidade é algo espontâneo ou algo “que acontece naturalmente”, a preocupação acentuada com a gravidez não planejada e a ideia de que AIDS e outras DST estariam associadas ao relacionamento com pessoas desconhecidas e/ou com várias pessoas. Bem como, todas/os identificaram a escola como o principal espaço formativo e de interação das/os jovens que deveria dialogar mais com suas realidades, levando em consideração, inclusive, que as relações afetivo-sexuais assumem um papel importante no momento de transição para a fase adulta que vivenciam

CONCLUSÃO

Embora a escola se constitua no principal meio de divulgação de informações sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis entre os/as entrevistados/as, percebe-se, através dos relatos das/os jovens, que as temáticas de gênero e sexualidade ainda enfrentam resistências no contexto escolar e que a abordagem da sexualidade, quase sempre é vinculada à disciplina de Biologia e restrita ao estudo do sistema reprodutor feminino e masculino e ao conhecimento das DST e dos métodos contraceptivos, não se colocando na pauta da discussão as diferentes posições que homens e mulheres ocupam na hierarquia de gênero e tampouco se faz referência, em sala de aula, ao debate da diversidade sexual que

poderia diminuir possíveis episódios de discriminação e violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTT).

A partir da análise das entrevistas com estudantes foi possível compreender que existem algumas especificidades da vulnerabilidade dos/as jovens evangélicos/as entrevistados/as ao HIV/AIDS/DST e que quando a abordagem da temática da sexualidade é desvinculada da dimensão do prazer e da realidade vivenciada pela pluralidade das/os jovens, estas/es assimilam informações que não necessariamente cabem nos cenários socioculturais nos quais experienciam a sexualidade, e para que as e os jovens possam, de fato, ter acesso aos direitos sexuais e reprodutivos, além de ser necessário que os programas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva contem com o protagonismo destas/es nas suas formulações, é essencial que as políticas públicas de saúde, educação, habitação, assistência social trabalhem de maneira articulada nos territórios onde as moças e os rapazes estão inseridas/os e as/os considerem enquanto sujeitos autônomos capazes de gerir a própria vida afetiva-sexual.

REFERÊNCIAS

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicol. clin.* [online]. 2012, vol.24, n.1, pp. 57-68.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião. **Revista Estudos Feministas**. Vol.13 no.2. Florianópolis; Maio/Agosto 2005.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989. Tradução: DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, UFSC, Volume 12, N. Especial, setembro/dezembro/2004

WIESE, Iria Raquel Borges; SALDANHA, Ana Alayde Werba. Vulnerabilidade dos adolescentes às dst/aids: ainda uma questão de gênero?. **Psic., Saúde & Doenças** [online]. 2011, vol.12, n.1, pp. 105-118.
